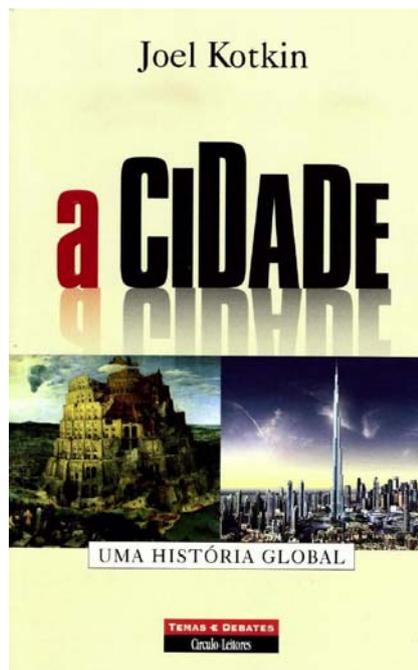


O TRIUNFO DA CIDADE COSMOPOLITA

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dq.consumidor.pt

“A Cidade, uma história global”, por Joel Kotkin (Temas e Debates e Círculo de Leitores, 2011) foi um dos acontecimentos editoriais de 2011. Trata-se de uma síntese arrebatadora, fascinante e vigorosa da vida das cidades desde a Antiguidade até às zonas suburbanas de hoje. Porque a expressão mais eloquente do engenho humano, das crenças e dos ideais da nossa espécie plasmam-se, na parte e no todo, na cidade. Kotkin terá razão quando escreve que «A evolução das cidades incorpora a história da humanidade quando esta abandonou as suas origens primitivas e se impôs ao mundo». Tal

esforço imorredoiro que veio mudar radicalmente a ordem social e moral, remetendo para as traseiras da história, as relações entre tribos e clãs, suscita no seu estudo dois temas interpenetrados: a universalidade da experiência urbana que se impõe apesar das diferenças de raça, clima e localização; e o imperativo de questionar e interpretar as características das cidades de sucesso. Este dotado investigador do urbanismo refere que as zonas urbanas sempre desempenharam três funções distintas e fundamentais: criar um lugar sagrado, garantir segurança básica e acolher o mercado. Quando uma ou mais destas componentes se fragilizam, a cidade avança para o olvido ou o declínio. Em torno destas componentes Joel Kotkin faz o seu périplo com recurso a uma narrativa que nos obriga à leitura compulsiva.



¹ Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

Apresentando a cidade como a obra total da nossa imaginação, o autor convida-nos a olhar a sacralidade do lugar (a passagem das estruturas religiosas para a recriação do sentimento do lugar sagrado através de edifícios comerciais e imponentes, e estruturas culturais evocativas), a segurança (quando a cidade se torna insegura, infestada de criminalidade, os habitantes abandonam-na ou migram para outro bastião urbano) e o mercado (ao esplendor de uma cidade corresponde uma economia activa, coincidente com várias marcas de água, como a moda, a supremacia tecnológica, a sede das artes, de grandes escritórios, etc.).

A aventura das cidades começou na Mesopotâmia, estendeu-se ao Egipto, Índia e China e Américas, onde os núcleos urbanos florescem à volta de templos, seja qual for o número de indicadores de civilização. Segue-se a cidade imperial, a cidade capaz da conquista militar, de subjugar pequenas cidades-estados; nela conflui religião, militarismo, a ascensão das leis e o esplendor arquitectónico. Estas cidades imperiais vão despontar da China ao Egipto, da Mesopotâmia às Américas. Mas chegara a hora das cidades comerciais, elas vão aparecer na bacia do Mediterrâneo, é nesta região que irão igualmente despontar as cidades clássicas da Europa, de que Alexandria é o primeiro grande exemplo, seguindo-se Roma e, mais tarde, Constantinopla. Em torno desse mesmo Mediterrâneo vai aparecer o arquipélago Islâmico, entre Meca e Tânger, com postos comerciais na África Oriental, aqui se acolhem as caravanas que vêm das estepes da Ásia Oriental e que chegam às cidades douradas da Índia e da Rota da Seda: Damasco, Bagdad e o Cairo bem como Deli, na Índia, são os grandes baluartes de cidades febris e deslumbrantes. No Império do Meio, a China conhece um período áureo, com grandes oportunidades para o aparecimento de cidades.

E chegamos à supremacia das cidades ocidentais, sempre dominadas pelo comércio, pela religiosidade, pela vanguarda dos negócios e das artes. Quando a superioridade ibérica se afunda, como já se tinham tornado insignificantes as magníficas repúblicas, como Veneza, emergem as cidades do norte, caso de Antuérpia e Londres que no século XVIII se torna numa mega cidade ultrapassando Paris, Madrid, Viena e Sampetersburgo. É esta superioridade comercial e imperial que abre as portas a uma nova etapa, a

cidade industrial que o autor escreve primorosamente. O sucesso do industrialismo vai acarretar desilusões, do Japão à Grã-Bretanha. Kotkin passa em revista outras experiências como a Nazi, a urbanização russa, o sistema soviético. O que podemos designar por metrópole moderna é o velho sonho de uma cidade melhor, agora que surgiu um novo problema como os subúrbios triunfantes. A América – não são só as grandes cidades –, transformou-se também numa nação essencialmente suburbana. Com o declínio da cidade industrial, os urbanistas contrapropuseram cidades-jardim, com muitos espaços verdes.

O dilema pós-colonial também ganhou forma na dimensão da cidade, a começar pela Cidade do México. Mas, em África, já tão açoitada por vários tipos de tragédia, a cidade ganhou dimensões de pesadelo, basta pensar em Lagos. Noutros espaços, a cidade é um eterno problema com as suas bombas-relógio sociais e a revolução urbana na Índia está pojada de contradições. O autor dá-nos um quadro impressionante do desenvolvimento das cidades na Ásia, destacando a revitalização das cidades chinesas.

Chegámos ao futuro urbano, isto num contexto em que a população urbana mundial que era apenas de 750 milhões em 1960, atingiu 3 biliões em 2002 e espera-se que ultrapasse 5 biliões em 2030. É gritante a crise da mega cidade, como a Cidade do México, Cairo, Lagos, Mumbai, Kolkata, São Paulo, Jacarta ou Manila, cidades descomunais onde não é possível instituir uma lógica económica. Há centros urbanos em todo o mundo que enfrentam uma crise demográfica e a transferência do crescimento económico pode imprimir transformações na grande malha urbana. Como noutras fases da história, continuam de pé os problemas do lugar do sagrado, da segurança (isto quando a ameaça terrorista ganhou novo fôlego) e da modernidade dos negócios e das artes. E o autor deixa-nos a sua última consideração profética: «As cidades só podem evoluir se ocuparem um lugar sagrado que ao mesmo tempo norteie e inspire a natureza complexa de grandes multidões. Durante cinco mil anos ou mais, o apego do ser humano às cidades foi o motor principal do progresso material e político. É na cidade, nesta antiga confluência do sagrado, do seguro e do buliçoso, que se forjará o futuro da humanidade nos séculos vindouros».

Obra de leitura obrigatória.